



SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: PRINCÍPIOS, TRANSFORMAÇÕES E DESAFIOS¹²¹

Leonardo Pessoa de Souza*

Rodrigo Freitas Costa Canal*

DOI: <https://doi.org/10.52521/poly.v17i2.13191>

Resumo: O objetivo é apresentar uma análise filosófica a respeito das modificações ocorridas no mundo contemporâneo causadas pelo desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC) impactaram nossa compreensão ontológica do mundo, cuja uma das consequências também foram uma reformatação na compreensão de problemas morais clássicos. Para tanto, nossa investigação se baseia na teoria filosófica exposta por Luciano Floridi, que defende a tese segundo a qual todas essas transformações sociais ocorreram a partir de uma revolução tecnológica a partir da qual podemos considerar que estamos vivendo em um ambiente hiper histórico, denominado de sociedade da informação. Por fim, discutimos, nos baseando nos textos de Han e Bruzonne, o problema ético da privacidade informacional e como as grandes empresas e governos utilizam da coleta de informações digitais retiradas dos perfis usuários digitais do mundo online para manipularem e até mesmo interferirem em nossas escolhas.

Palavras-chave: TIC, sociedade da informação, ética informacional, ontologia digital, privacidade.

INFORMATION SOCIETY: PRINCIPLES, TRANSFORMATIONS AND CHALLENGES.

Abstract: The aim is to present a philosophical analysis of the changes that have taken place in the contemporary world, caused by the development of information and communication technologies (ICT), which have had an impact on our ontological understanding of the world, one of the consequences of which has also been a reformatting of the understanding of classic moral problems. To this end, our investigation is based on the philosophical theory put forward by Luciano Floridi, who defends the thesis that all these social transformations have occurred as a result of a technological revolution, from which we can consider that we are living in a hyper-historical environment, known as the information society. Finally, we discuss, based on the texts by Han and Bruzonne, the ethical problem of informational privacy and how large companies and governments use the collection of digital information from digital user profiles in the online world to manipulate and even interfere in our choices.

Keywords: ICT, information society, information ethics, digital ontology, privacy.

¹²¹ Trabalho desenvolvido com o apoio do Programa PIBIC/UFPA/FAPESPA EDITAL 013.

* Graduando do curso de licenciatura em filosofia pela Universidade Federal do Pará. Email: leonardo.ps266@gmail.com.

* Doutor (UFPR), mestre (UNESP) e graduado (UFSJ/Licenciatura e Bacharelado) em filosofia. Professor Adjunto da Faculdade de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. Email: prof.rodrihocanal@gmail.com.



1. INTRODUÇÃO:

Dadas as transformações e os desenvolvimentos tecnológicos que a nossa sociedade vem vivenciando desde o início do século XX, em particular com o surgimento e desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC a partir daqui), tornou-se também primordial o surgimento de reflexões referentes acerca dessas tecnologias e sobre como elas modificaram e continuam a modificar a nossa visão sobre o mundo. Essa forma de reontologizar nossa compreensão de mundo é fruto do que podemos entender como sendo uma revolução informacional, que tem seu começo nas tentativas de entender as funcionalidades da inteligência humana a partir de bases computacionais. Um dos precursores que abriu caminho para esse tipo de reflexão certamente foi Alan Turing.

Isso porque, em meados de 1950, o matemático-filósofo Alan Turing publicou o artigo “Machinery and intelligence” que tomava como pauta principal a tese ousada de que “pensar é calcular” (TURING, 1950, p.436). Turing procurou entender as regras sob as quais se funciona o pensamento humano e se essas mesmas regras poderiam ser instanciadas por computadores digitais. Isso porque, para Turing, os computadores digitais realizam suas funções a partir de cálculos e manipulação de símbolos e, sendo assim, se tomarmos como base que pensar consiste justamente na atividade de se manipular símbolos e de organizar em formas lógicas o que foi abstraído, pode-se concluir que os computadores também possuem uma capacidade de pensar similar. Essa ideia mecanicista sobre a capacidade de pensar através de cálculos e a partir de manipulações lógicas foi defendida de maneira mais simples pelo teórico político Thomas Hobbes, que defendeu a ideia de que o pensamento é a soma ou subtração de conceitos (HOBBS, 2005, p.10).

O estudo mecanicista da mente abriu discussões em diversos aspectos e possibilitou muitos avanços tecnológicos significativos. Esses avanços demonstraram que máquinas, quando programadas corretamente, podem executar com sucesso determinadas tarefas que anteriormente requeriam a intervenção humana. Tais desenvolvimentos tecnológicos nos permitem alegar que, em muitos casos, as máquinas



podem ser capazes de "pensar" de forma bastante similar aos seres humanos, desafiando a noção tradicional de que o pensamento é exclusivo da mente humana.

Deve-se levar em conta que a discussão iniciada por Turing e outros teve o impacto de transformar a nossa compreensão em níveis impressionantes dando início ao que o filósofo Adams (2003) denomina de “virada informacional”. É a partir desse ponto de reconfiguração das discussões filosóficas que a filosofia da informação tomou força, visto que o conceito de informação passa por uma mudança das suas bases tradicionais, acarretando em discussões de caráter ontológico, metafísico e epistemológico da informação. Além disso, com o surgimento da internet e a construção de uma sociedade hiper conectada as formas de convivências sociais se modificaram e uma nova maneira de se conectar com o mundo foi surgindo e é esse processo que denominamos como se referindo ao termo sociedade da informação.

A manipulação de comportamento é um dos mais diversos assuntos abordados dentro da filosofia da informação e uma das principais discussões acerca da privacidade, autores como Luciano Floridi e Byung-Chul Han procuram expor suas pesquisas sobre tais assuntos e demonstrando que viver em uma sociedade moderna é estar conectado, é possuir informação de maneira rápida e também de criar informações de maneira rápida, sejam elas pessoais ou não. As TIC digitais ocasionaram uma virada na nossa compreensão sobre a definição exata de informação, já que essa passa a ser não somente acessada com mais facilidade como também passa a ser produzida por diferentes indivíduos e empresas que possuem acesso aos meios de comunicação:

Destaca-se, assim, uma das principais características da nova organização da sociedade contemporânea, a qual subjazem possibilidades de interação que não existiam antes das TIC. A superação das distâncias geográficas, a produção de informação descentralizada, o compartilhamento de conteúdo em tempo real e a digitalização das ações também são alguns exemplos de fatores que influenciam esta nova organização social. (MORAES, 2019, p. 17).

Sendo assim, nosso objetivo é analisar as formas de modificações que foram ocasionadas pela “virada informacional” que proporcionou o desenvolvimento das antigas TIC para as TIC digitais, dado que essa mudança feita nas formas de se divulgar e acessar informações acarretam em diferentes problematizações de cunho moral,



epistemológico e ontológico. Como, por exemplo, as questões sobre privacidade, identidade pessoal, cidadania, liberdade de expressão entre outras. São a partir dessas problematizações que surge a Filosofia da informação, “que tem como por objetivo analisar o conceito de informação propriamente dito e sua utilização para resolução de problemas filosóficos novos e tradicionais.” (MORAES, 2019, p.16.) Na primeira parte desse artigo discutimos a teoria filosófica proposta por Luciano Floridi, na qual defendeu a ideia de uma reconstrução histórica das sociedades humanas, que nos permitisse compreender mais claramente o que fundamentou a revolução informacional que estamos vivenciando na contemporaneidade, ou seja, como se constituiu a sociedade da informação. Para Floridi tal sociedade tem como principais elementos três aspectos fundamentais a serem discutidas que são: a hiper história que é uma discussão relativa ao tempo; a infosfera que é uma discussão relativa ao espaço; e a identidade que é uma discussão relativa ao próprio indivíduo. Esses três aspectos serão expostos na primeira seção, com maior foco nos dois primeiros aspectos.

Procuramos explorar principalmente como as TIC afetam e modificam a forma como cada indivíduo vivencia o mundo e como noção de realidade foi transformada por esse desenvolvimento tecnológico, criando-se até mesmo uma certa dependência, para nossa espécie.

Na seção seguinte, abordarmos a privacidade e a transparência dentro do ambiente virtual. Perguntas como “a privacidade está garantida dentro do ciberespaço?” constitui um elemento central da nossa discussão, cujo objetivo foi alcançar uma explicação de como as grandes empresas e até mesmo governos utilizam da coleta de informações deixadas pelos usuários do mundo online afim de manipular e até mesmo interferir nas escolhas pessoas de cada pessoa.

Nosso aporte metodológico para realizar o objetivo central é a tradicional revisão bibliográfica crítica que é baseada na heurística textual de textos da literatura primária e secundária acerca da ética informacional. Em um primeiro momento, textos de ordem primária fornecem a base da discussão para evidenciar o que permitiu a revolução que culminou no que denominamos de sociedade da informação. O principal filósofo e o precursor dessa discussão foi Luciano Floridi (2013, 2014). Os textos de



Han (2022) e Bruzonne (2021) foram selecionados para nos auxiliarem na discussão sobre como as grandes empresas e governos utilizam da coleta de informações digitais retiradas dos perfis usuários digitais do mundo online a fim de manipularem e até mesmo interferirem nas escolhas de cada pessoa.

2. ONTOLOGIA DIGITAL: DIFERENÇAS ENTRE VIDA ONLINE E OFFLINE.

Os avanços e a popularização da tecnologia da comunicação e informação (TIC a partir daqui) tem transformado o mundo em seus mais variados aspectos e é a partir do desenvolvimento dessas tecnologias que a sociedade contemporânea vem se tornando cada vez mais um ambiente virtualmente conectado. O aumento da conectividade digital no ambiente social tem estabelecido certa dificuldade na distinção entre os dois tipos de socialização presente na contemporaneidade. Viver hoje em um mundo offline é praticamente impossível visto que as tecnologias se tornaram ferramentas fundamentais para o dia a dia em suas mais diversas funcionalidades como, por exemplo, a utilização de transações bancárias como o sistema de transações instantâneas (Pix) ou a utilização de formas de comunicação via smartphone que supera distâncias geográficas em escala global. As TIC acarretaram em uma dependência quase completa na forma como passamos a experienciar o mundo e, como sustenta Luciano Floridi essas transformações tem seu início a partir do que ele chama de uma “quarta revolução” na natureza e estrutura da sociedade, que culminaram com o advento da sociedade da informação (FLORIDI, 2014, p.90).

Para que possamos compreender como as TIC passaram a modificar a nossa compreensão, o filósofo da informação nos propõe a pensar a sociedade humana a partir de períodos históricos de modo de vida, que respectivamente são:

- A *Pré-história* – período em que as TICs não existiam;
- *História* – Bem-estar social e individual referentes as TIC;
- E a *Hiper-história* – onde o bem-estar social e individual está em uma situação de dependência referente às TIC.



Dessa forma, grande parte das sociedades contemporâneas vivem em um período de hiper história, já que as TIC digitais são ferramentas essenciais para a manutenção e garantia do bem-estar social e coletivo, tornando-as essas sociedades dependentes das TIC como é o caso, por exemplo, de todos os membros do grupo político G7, como explica Floridi:

[...] todos os membros do grupo g7 – nomeadamente Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos da América – qualificam-se como sociedades hiper históricas porque, em cada país, pelo menos 70% do Produto Interno Bruto (PIB) depende de bens intangíveis, que estão relacionados com a informação, e não com bens matérias, que são os de produção física como processos agrícolas ou de fabricação. (FLORIDI, 2014, p. 4. **Tradução própria.**)¹²²

É a partir desse processo de dependência em relação a TIC que podemos compreender que a hiper história ocasionou transformações de caráter ontológico em diferentes aspectos sociais e individuais, moldando e influenciando na forma como cada pessoa interage no mundo.

No pensamento de Floridi a hiper história é responsável por criar uma nova era do desenvolvimento humano, em que informação passa a ser o elemento central da nossa realidade. Segundo Moraes, a hiper história também tornou possível o surgimento de um novo tipo de espaço de sociabilidade antes desconhecido, além desse novo espaço conter não só interações entre seres humanos, mas também entre seres humanos e máquinas até mesmo interações exclusivamente entre máquinas (MORAES, 2019, p.19). Esse novo ambiente social é denominado “infosfera”, como explica Floridi:

Infosfera é um neologismo cunhado na década de 1970. É baseada na ‘biosfera’, um termo que remete a uma região limitada de nosso planeta ancorada na ‘vida’. É também um conceito que rapidamente evolui. Minimamente, infosfera denota todo o meio informacional constituído por todas as entidades informacionais, suas propriedades, interações, processos e relações mútuas. É um meio comparável ao, mais diferente do, ciberespaço, que é apenas um das suas sub-regiões, uma vez que a infosfera inclui o offline e espaços de informação analógicos. maximamente infosfera é um conceito que pode ser usado

¹²² All members of the g7 group – namely Canada, France, Germany, Italy, Japan, the United Kingdom and the United States of America – qualify as hyper-historical societies because, in each country, at least 70% of the Gross Domestic Product (GDP) depends on intangible goods, which are related to information, and not on material goods, which are those of physical production such as agricultural or manufacturing processes.



como sinônimo de realidade, uma vez, que a interpreta informacionalmente. Nesse caso, a sugestão é que o que é real é informacional e o que é informacional é real. (FLORIDI. 2014, p. 40-1).

Na visão de Floridi a infosfera é mais do que um espaço necessariamente digital, é acima de tudo um espaço duplo que tem fortes influências tanto no mundo online quanto no offline. A sua principal característica é justamente transformar a informação em um recurso central em ambos os espaços. Na vida contemporânea a informação passa por uma modificação ontológica justamente por não ser compreendida como algo privado, mas sim como um objeto público de consumo, de criação e de certo modo de libertação. Nesse caso a informação passa a ser capitalizada e transformada em conteúdos de entretenimento, como é o que fazem, por exemplo, youtubers, influenciadores digitais, tiktokers entre outros. Sorj argumenta sobre essa dualidade intrínseca à infosfera e como o mundo digital se expande para o mundo analógico:

[...] à medida que a “internet das coisas” avança, a fusão entre ambos os universos (online e offline) será de tal maneira que exigirá novas formas de conceituação. Vivemos em um período histórico em que convivem um mundo que está chegando e outro que está deixando de ser, mas que mantém sua marca muito presente. (Sorj, 2016, p. 31.)

Essa na nossa visão sobre a ontologia do mundo ocasionada pela infosfera implica em diversas outras formas de transformações sociais, sendo elas dentro ou fora do mundo virtual. Pode-se pensar, a título de exemplo, que a infosfera afeta diretamente na formação da identidade pessoal, visto que com a digitalização e a hiper conectividade a identidade se torna cada vez mais um organismo dinâmico e público e que pode ser facilmente moldada por interações online e pela forma como somos vistos nas redes sociais e outros espaços digitais.

Tais mudanças tem afetado (e continuam afetando) principalmente os jovens que nunca viveram em um mundo sem o auxílio das tecnologias e o uso de redes sociais como Facebook, Instagram ou YouTube. Como aponta Lima, “(...) o ciberespaço se configura como um novo espaço público, onde o jovem se sente incluído. Um espaço onde é possível encontrar os seus pares e exercitar a passagem do privado ao público, da família para o laço social mais amplo.” (LIMA, 2009, p.218).



Em alguns casos, filósofos como Luciano Floridi (2013) consideram que essa transparência das informações pode ser benéfica para o desenvolvimento social da infosfera, levando em consideração a possibilidade de expressão pessoal e conexão com outro. Entretanto, Byung-Chul Han argumenta, na obra “A sociedade da Transparência” (2016) e “Infocracia: Digitalização e a crise da democracia” (2022) que o conceito de transparência moldado para as bases da sociedade moderna e digital promove, na verdade, modificações negativas no comportamento social e político dos cidadãos distorcendo as relações sociais e as escolhas de cada indivíduo.

O imperativo da transparência é: tudo deve estar disponível na condição de informação. Transparência e informação tem o mesmo significado. A sociedade da informação é a sociedade da transparência [...] A dominação do regime é ocultada, na medida que se funde completamente com o cotidiano. É encoberta atrás da complacência das mídias sociais da comodidade das máquinas de buscas, das vozes embalantes das assistentes de voz ou da oficiosidade prestativa dos Smart apps, os aplicativos inteligentes. O *smartphone* se revela como um *informante* eficiente, que nos submete a vigilância duradoura. (HAN, 2022, p. 14-16).

Fica claro que a sociedade contemporânea tem sofrido uma crescente transformação de caráter ontológico, epistemológico, e ético em suas mais variadas formas, e será a partir dessas modificações que, na próxima seção, buscaremos introduzir e discutir o tratamento a novos problemas filosóficos que surgiram a partir dessas transformações, especialmente na discussão dos problemas morais levantados pelo fenômeno da privacidade informacional.

3. ÉTICA INFORMACIONAL, PRIVACIDADE E O IMPERATIVO DA TRANSPARÊNCIA.

Dadas às transformações ocasionadas pelas TIC e pela mudança histórica que estamos vivenciando com o surgimento da hiper história, questões como a importância da privacidade foram reinauguradas devido ao acesso e a descentralização dos meios informacionais. Nos tempos pré-sociedade da informação a comunicação e o acesso as informações eram mais difíceis, pois a comunicação era analógica e sua capacidade de



distribuição era agressivamente mais lenta do que a forma digitalizada que usamos hoje, como argumenta Bruzzone:

A comunicação digital em rede também reduziu as distancias e encurtou os tempos. Aumentou o número de nossas interações com pares. Nos aproximamos que já eram queridas, mas com as quais a comunicação já era esparsa. Grupos de Whatsapp mantém cotidianamente em contato irmãos que moram longe, filhos, amigos espalhados pelo planeta. Ajudam pesquisadores a encontrar bibliografia, trocar ideias, aprender melhor, pensar juntos. Organizam mobilizações, derrubam políticos, condenam pedófilos, promovem mudanças sociais. (Bruzzone, 2021, p.32).

As novas formas de comunicação não modificaram somente a forma como as pessoas interagem uma com as outras, mas transformou a informação em uma espécie de produto no qual as pessoas procuram divulgar suas informações sem indagar se sua privacidade digital está ou não sendo protegida. A privacidade já não tem a mesma importância na sociedade da informação, ao invés disso ela é transformada em conteúdo, ela é capitalizada e decomposta em uma forma de mercadoria. Como argumenta Han “(...) no regime da informação, as pessoas não são mais telespectadoras passivas, que se rendem ao entretenimento. São emissores ativos. Produzem e consomem, de modo permanente, informações.” (HAN, 2022, p.33).

Com essa forma de capitalização da informação a quantidade de dados gerados dentro do ambiente virtual atinge números impressionantes, visto que empresas como Youtube, Tik Tok, Instagram, entre outras, conseguem facilitar a forma de divulgação de informações de maneira rápida e eficiente com vídeos de trinta segundos à um minuto, mas que são capazes de influenciar o nosso comportamento, e tal onda de dados é também conhecida como **big data**.

Os big data é então uma das preocupações mais complexas dentro da ética informacional, tendo em vista que as formas de coletas de informação intensificaram a discussão sobre vigilância e a invasão de privacidade individual. A coleta massiva de dados por governos e empresas levanta discussões de caráter ético tais como, por exemplo, de um possível controle informacional com o objetivo de influenciar o usuário em diversos fatores sem seu consentimento de muitas vezes para enganar, o que pode ferir a dignidade moral.



[...] No lugar de encerramentos e conclusões, aparecem aberturas. Celas isoladas são substituídas por redes de comunicação. A visibilidade é, então, produzida de toda outra maneira, *não pelo isolamento, mas pela conexão*. A técnica digital da informação faz com que a comunicação vire vigilância. Quanto mais geramos dados, quanto mais intensivamente nos comunicamos, mais a vigilância fica eficiente. O telefone móvel como aparato de vigilância e submissão explora a liberdade e a comunicação. (HAN, 2022, p.13.)

Na sociedade da informação a vida se torna cada vez mais transparente e com isso a dominação surge de maneira ofuscada pelo algoritmo, que funciona de um modo a escamotear esses problemas, como apontou no livro 1984 por George Orwell, pois sabemos da presença do algoritmo, mas está cotidianamente presente e normalizado que não chega a ser questionado. O **like** exclui toda a revolução (HAN, 2022, p.17). O algoritmo tem como principal função coletar informações/dados deixados por cada usuário virtual a fim de criar uma espécie de bolha social ou “filter bubble”¹²³ que corresponda com as características da pessoa, ou seja, cada like, compartilhamento e comentário produzidos dentro do ciberespaço são coletados e transformados em mais informações que possuam elementos que contribuam para as convicções pessoal de cada usuário, isto é, só é o mostrado o que realmente se quer ver e o que corresponda com a minha visão sobre o mundo.

Essa forma de alienação é estudada pela psicometria. Fundada no século XIX por Francis Galton (1883) a psicometria é o estudo a medição do potencial, das capacidades mentais tais como habilidades de pensamento, traços de personalidade, e pode-se compreender que esse campo de estudo está presente na forma como os analistas de dados influenciam o comportamento dos usuários online através da criação de uma bolha digital. Segundo Han “O profiling (a caracterização de perfil) psicométrico torna possível prever melhor o comportamento de uma pessoa do que um amigo ou parceiro poderia” (HAN, 2022, p.38).

Portanto, é notório a revolução na forma como os dados são gerados, armazenados e analisados dentro de uma sociedade hiper conectada. Essa revolução ocasionou e continua a ocasionar transformações em diversas camadas da sociedade,

¹²³ O termo Filter Bubble foi introduzido por Eli Pariser em seu livro *The Filter Bubble: What the Internet Is Hiding from You*, publicado em 2011.



desde setores da economia a formas de alienação e modelagem de comportamento através de uma criação de um espaço virtual que tenham características de afeição aos usuários digitais.

É necessário repensar como o big data possui características muitas das vezes autoritárias, em que as informações são coletadas com o objetivo de compreender as personalidades das pessoas e modelar esse comportamento para entender como manipulá-lo da melhor forma para finalidades que até mesmo podem ter impacto ético negativo para os usuários digitais. Pode-se citar o exemplo da empresa Cambridge Analytica, que durante as eleições presidenciais dos EUA em 2016 coletou, indevidamente, cerca de 87 milhões de dados dos usuários via Facebook com o objetivo de compreender a personalidade das pessoas.¹²⁴ A coleta de dados se deu através de um teste chamado **big five** (os cinco grandes) que avaliou os cinco traços de personalidade dos usuários, traços esses que são, (1) abertura a experiências, (2) responsabilidade, (3) extroversão, (4) agradabilidade e (5) irritabilidade. Compreendendo esses traços o analista de dados analisa as métricas presentes dentro das suas vivências no ciberespaço, tais como curtidas, compartilhamento, publicações salvas e comentários podendo redirecionar os anúncios para que combinem com a personalidade e interesse do usuário digital final, na qual este se identificará e o que terá como consequência a manipulação do seu comportamento, nas escolhas e na visão de mundo dos indivíduos. Ao abordar esses desafios, é possível pensar se a nossa privacidade está ou não sendo respeitada dentro dos limites de privacidade eticamente adequados, e assim criar formas de construir um ambiente muito mais saudável e habitável do ponto de vista sócio-moral.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O objetivo desse trabalho foi expor e discutir assuntos referentes a virada informacional que nossa sociedade contemporânea sofreu e vem sofrendo e demonstrar como as tecnologias tem modificado, reestruturando e conceituando a realidade em suas mais variadas camadas. Visto que a ontologia é o estudo do estatuto das coisas que existem e da natureza das entidades e propriedades da realidade, como caracterizou

¹²⁴ <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43705839>.



muito bem Aristóteles o estudo do ser enquanto ser (*Met.*, IV, I, 1003 a 21). Procuramos explorar e analisar as variadas transformações sociais que ocorreram a partir do processo de desenvolvimento tecnológico em seus diversos aspectos como, por exemplo, relações pessoais, acesso a informações, divulgações de dados pessoais entre outras. Para isso nos apoiamos nas discussões levantadas pelos filósofos da informação Luciano Floridi e Byung-Chun-Han, que nos traz questões e análises referentes a privacidade e como esse conceito pode estar sendo reinterpretado pela cultura contemporânea da transparência digital.

O foco inicial do texto foi entender como as TIC causaram uma mudança na forma como nossa espécie tem vivenciado o mundo desde essas revoluções tecnológicas. Assim, tendo em vista que viver em uma sociedade moderna é viver em um ambiente de intensa relação com essas tecnologias, a ubiquidade da Internet e dos dispositivos digitais permite que o mundo online se torne parte fundamental do mundo físico cotidiano. A comunicação hoje pode ser feita através de diversas plataformas digitais, que tem permitido a radical superação das fronteiras geográficas e tem encurtado as distâncias globais, bem como o tempo de interação social. Dessa forma, pode-se afirmar que algo antes nunca visto se tornou uma experiência contínua e cotidiana e isso não somente criou um ambiente totalmente novo que é a infosfera como também modificou ontologicamente a realidade que vivemos.

Em última análise procuramos compreender como a cultura da transparência promove uma forma de controle informacional dentro do ambiente virtual, com o objetivo de influenciar e controlar o comportamento do indivíduo. Para isso fizemos uso dos textos de Han que nos apresenta teorias a respeito dessas discussões e explorar conceitos como o de **filter bubbler** que procura argumentar que empresas, sites online e até mesmo governos buscam criar bolhas sociais a partir das quais é possível coletar dados dos usuários online, cujo objetivo é manipular as visões de mundo de maneira quase inconsciente.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Editora 70, Lisboa, junho 2021.
- ADAMS, F. The Informational turn in philosophy. *Mindsand Machines*. Netherlands: Kluwer Academia Publishers, v. 13, p. 471-501, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1023/A:1026244616112>. Acesso em 23 ago. 2024.
- BRUZZONE, Andrés. **Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital**. Editora Contexto, 2021.
- DE MORAES, João Antonio et al. **O paradigma da complexidade e a ética informacional**. São Paulo: UNICAMP. 2019.
- DE LIMA, Nadia Laguardia. A escrita virtual na adolescência: Os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisados a partir da função do romance. 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/FAEC-84XNCM>. Acesso em 23 ago. 2024.
- FLORIDI, Luciano. **The fourth revolution: How the infosphere is reshaping human reality**. OUP Oxford, 2014.
- FLORIDI, Luciano. **The ethics of information**. Oxford University Press, USA, 2013.
- GALTON, Francis. **Inquiries into human faculty and its development**. Macmillan, 1883.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Editora Vozes Limitada, 2016.
- HAN, Byung-Chul. **Infocracia: Digitalização e a crise da democracia**. Editora Vozes Limitada, 2022.
- HOBBS, Thomas. Elementos de filosofia – Primeira Seção - sobre o corpo. Parte I – Computação ou Lógica. Tradução e apresentação de José Oscar de A. Marques. Campinas: IFCH/Unicamp, 2005. 77p. ISSN 1676-7047.
- PARISER, Eli. **The filter bubble: What the Internet is hiding from you**. penguin UK, 2011.
- SORJ, Bernardo; FAUSTO, Sergio. **ACTIVISMO POLÍTICO**.
- TURING, A. M. **Computing machinery and intelligence**. In: *Mind*, 59, 433-460, 1950. Disponível em: <https://doi.org/10.7551/mitpress/12274.003.0016>. Acesso em 23 ago. 2024.